



## Fé cristã e modernidade tardia

*Christian faith and late modernity*

**Tiago de Fraga Gomes<sup>466</sup>**

*Docente no PPG de Teologia da*

*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*

**Resumo:** Na perspectiva da fé cristã, é possível afirmar a possibilidade de relação entre a eternidade e o tempo. A economia do Verbo encarnado é a transparência da dinâmica divina que adentra a história, estabelecendo no tempo uma dimensão kairológica diante do frenesi e conferindo-lhe um horizonte soteriológico diante da experiência da fragilidade, agudizada pela violência estrutural atuante na sociedade hodierna. O momento atual, denominado por alguns autores como modernidade tardia, tem entre seus traços característicos, a tendência a acelerar os ritmos da vida e a forma como se experimenta o tempo, ao ponto de tragar o indivíduo em suas responsabilidades cotidianas, submetendo-o ao compasso do superficial e do descartável. A retomada do sentido profundo da fé cristã pode ser uma alternativa pertinente diante da experiência de limitação e finitude, como um recurso do qual se pode lançar mão para fundamentar uma pedagogia da contemplação e da convivência na esfera pública.

**Palavras-chave:** Fé cristã. Modernidade tardia. Tempo acelerado. Fragilidade. Convivência.

**Abstract:** From the perspective of Christian faith, it is possible to affirm the possibility of a relationship between eternity and time. The economy of the incarnate Word is the transparency of the divine dynamic that enters history, establishing in time a kairolological dimension in the face of frenzy and giving it a soteriological horizon in the face of the experience of fragility, heightened by the structural violence active in today's society. The current moment, called by some authors as late modernity, has among its characteristic features, the tendency to accelerate the rhythms of life and the way in which time is experienced, to the point of engulfing the individual in their daily responsibilities, subjecting them to compass of the superficial and the disposable. Resuming the deep meaning of Christian faith can be a pertinent alternative in the face of the experience of limitation and finitude, as a resource that can be used to support a pedagogy of contemplation and coexistence in the public sphere.

**Keywords:** Christian faith. Late modernity. Accelerated time. Fragility. Coexistence.

---

<sup>466</sup> Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com estágio pela Ruhr-Universität Bochum (RUB, Alemanha). Pós-Doutor em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Vencedor do Prêmio CAPES de Tese na área de Ciências da Religião e Teologia (2021). Professor da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), no Programa de Pós-Graduação em Teologia e Editor da Revista Teocomunicação.

## Introdução

Esta pesquisa<sup>467</sup> parte do pressuposto de que a reflexão a respeito do mistério divino é sempre uma elaboração contextualizada, constituída por um elemento teórico-sistemático e por outro prático, tendo, por isso, uma relevância histórico-social. Em cada teologia criticamente formulada, é possível perceber os desafios emergentes do tempo e do contexto em que as pessoas vivem e se relacionam, pois, como reflexão da fé no tempo presente, fundamentalmente possui três âmbitos de interlocução: a tradição eclesial, a racionalidade acadêmica e a sociedade contemporânea.<sup>468</sup> Nesse sentido, a teologia se depara continuamente com questionamentos da realidade circunstancial, as quais reclamam uma resposta razoável a partir da perspectiva da fé. Não há teologia que não se articule de alguma maneira desde uma temporalidade e de um contexto específico. Sendo assim, a teologia possui uma inclinação crítica, por isso, não permanece cega, surda ou muda ao contexto desde o qual reflete.

Partindo de suas fontes e no diálogo com outras áreas do conhecimento, a teologia precisa ser capaz de elaborar uma reflexão sobre as questões da fé em *status* científico, expressando a sua posição na ambiência da esfera pública enquanto “fenômeno social elementar”<sup>469</sup> inserido na dinâmica da sociedade civil, porém, sem descuidar de seu profetismo inerente. E entre os problemas fundamentais com que a teologia cristã se depara atualmente, está o de traduzir para a linguagem e o pensamento hodierno, o fato da concreção universal do Cristo, e como esta pode fazer sentido e ter validade para as pessoas com suas inquietações e perspectivas existenciais. O objetivo deste trabalho consiste em tentar responder a esse questionamento propondo algumas reflexões a partir da responsabilidade pública da teologia cristã no contexto da modernidade tardia, que tem como umas das características mais marcantes uma vivência acelerada do tempo, o qual está cronometrado pelo relógio da rentabilidade e da imediatez.

## 1 A teologia diante do tempo atual

O mundo atual é muito amplo, pois é o mundo da racionalidade técnica, da energia atômica, da automação, dos meios de comunicação de massa, da migração das massas, do direcionamento das necessidades, do prazer organizado e da vida economicamente calculada e avaliada segundo o critério da competência. No entanto, é também o mundo da dor e do terror, e, ao mesmo tempo, da acolhida e do aconchego, que no fundo todos buscam.<sup>470</sup> O tempo atual, apesar de suas belezas e atratividades, está carregado de morte. A marcha transcendental da humanidade se depara cada vez mais com a realidade do vazio existencial. Nosso tempo é finito e o fim está sempre muito próximo.<sup>471</sup>

Diante de uma racionalidade eclipsada sob a técnica e a funcionalidade, a teologia tem um grande potencial de significação para a vida humana que as ciências

---

<sup>467</sup> A presente pesquisa foi elaborada a partir de um trabalho apresentado e publicado no 30º Congresso Internacional da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER), que ocorreu na PUC-Minas, em Belo Horizonte, de 10 a 13 de julho de 2017.

<sup>468</sup> TRACY, David. *A imaginação analógica: a teologia cristã e a cultura do pluralismo*. Trad. Nélío Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2006, p. 68.

<sup>469</sup> HABERMAS, Jürgen. *Direito e Democracia: entre facticidade e validade II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997, p. 92.

<sup>470</sup> RAHNER, Karl. *Escritos de teología: tomo 7*. Trad. Juan de Churruca. Madrid: Taurus, 1969a, p. 100.

<sup>471</sup> RAHNER, Karl. *O desafio de ser cristão: textos espirituais*. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 15.

em geral não conseguem suprir. A teologia tem um recurso do qual a racionalidade na modernidade tardia carece: a consciência daquilo que falta. Como instância crítica que não desvia o olhar para as vítimas da história, a teologia exerce grande importância na edificação de uma sociedade justa e digna. O teólogo trata do incondicional como fundamento existencial no contexto de uma sociedade capitalista e avarenta, que cultua o dinheiro e oferece sacrifícios em prol da lucratividade no altar do mercado. A racionalidade da fé é desafiada nesse contexto a dar as razões da sua esperança (1Pd 3,15).

### 1.1 A crise da racionalidade técnica e instrumental

A modernidade tardia representa uma crítica ao mito da razão absolutizada. A época atual “contesta não só a legitimidade das respostas, mas também e, sobretudo, a legitimidade das perguntas e se apresenta como um tempo de niilismo e de consequente falta de compromisso moral”.<sup>472</sup> Entra em colapso a confiança absoluta no progresso e na capacidade humana de construção de um mundo feliz.<sup>473</sup> Outrora o sujeito moderno fundava a sua autonomia exclusivamente na racionalidade.<sup>474</sup> A ideia de modernidade está estreitamente associada à racionalização.<sup>475</sup> “A razão, o ideal base de modernidade, é hoje proclamada perversa”.<sup>476</sup> A interpretação da razão como uma faculdade que se voltou à dominação da natureza e do próprio ser humano, caracteriza-a como uma potência ambivalente. A razão que surge na base da cultura ocidental como promessa de combate aos mitos e promoção da emancipação humana, reduz-se hoje à técnica dominadora, beirando ao absurdo.<sup>477</sup> “O esgotamento da modernidade transforma-se com rapidez em sentimento angustiante do sem-sentido”.<sup>478</sup> A modernidade tardia se caracteriza pela perda de sentido, pela ação instrumental, pelo utilitarismo moral e pelo funcionalismo: é bom o que é útil para a sociedade. O valor supremo é a eficiência.<sup>479</sup>

A crise da modernidade aponta para uma crise de sentido para a vida humana, envolvendo-a no absurdo.<sup>480</sup> “A crítica da razão instrumental desenvolvida pela modernidade desemboca numa crítica à modernidade enquanto tal, e, em última análise, numa crítica à própria razão, que é vista como instrumento de repressão”.<sup>481</sup> A modernidade enfatizou, sobretudo, a dimensão instrumental da razão, “como a capacidade de poder intervir na natureza de acordo com fins previamente estabelecidos”.<sup>482</sup> Nessa perspectiva, o homem se coloca como um dominador do mundo material, manipulando-o para dele se apropriar, a fim de suprir as suas necessidades naturais e existenciais.

---

<sup>472</sup> MUCCI, Giandomenico. L'assenza di Dio nel postmoderno. *Revista Civiltà Cattolica*, Roma, n. 2, p. 543-551, 2002, p. 547.

<sup>473</sup> CARRARA, Paulo Sérgio. Enfraquecimento da ideia de Deus e de homem na pós-modernidade. *Pistis & Práxis*, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 817-839, set.-dez. 2016, p. 820.

<sup>474</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e sociabilidade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996, p. 18.

<sup>475</sup> TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 18.

<sup>476</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araújo. *A filosofia na crise da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 183.

<sup>477</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araújo. *Ética e racionalidade moderna*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 68.

<sup>478</sup> TOURAINE, 1997, p. 101.

<sup>479</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. O tempo na modernidade e na contemporaneidade. *Kairós*, Fortaleza, v. 11, n. 1-2, p. 103-123, 2014, p. 104.

<sup>480</sup> OLIVEIRA, 2002, p. 71.

<sup>481</sup> OLIVEIRA, 1989, p. 7.

<sup>482</sup> OLIVEIRA, 1989, p. 184.

A racionalização hodierna da vida tornou-se de fato tecnificação.<sup>483</sup> Isso provoca uma reviravolta radical na forma de compreensão da subjetividade e da autonomia do sujeito, ou mesmo da intersubjetividade relacional e da cosmovisão a respeito da totalidade da vida. O mundo da vida foi reificado e mercantilizado pela racionalidade instrumental.<sup>484</sup> “A sociedade atual incentiva o olhar egocêntrico, o movimento centrípeto em direção a si mesmo, a busca de uma felicidade interior, já que a felicidade no mundo real e externo, apesar do consumismo e do ‘mercado da felicidade’, mostra-se inviável”.<sup>485</sup> Até mesmo os conteúdos da fé e da experiência religiosa foram privatizados e desinstitucionalizados. A referência passa a ser o próprio sujeito. A questão agora diz respeito à relevância que as verdades da fé cristã têm para o indivíduo nesse contexto.

### 1.2 A relevância das verdades da fé para a atualidade

A religião não desapareceu da sociedade secular, apenas se encontra encoberta em meio às relações interpessoais e aos acontecimentos cotidianos. A sua veiculação vai muito além das instituições oficiais tradicionais. Na modernidade tardia, crer significa optar. Vive-se atualmente no tempo da leveza das crenças, as quais concebem a Deus ou ao Absoluto através da liberdade flutuante das metáforas, que cumprem uma função social de legitimação das contingências históricas vividas pelos indivíduos. Cria-se uma religião das compensações, que recalca a mensagem da revelação bíblica e da conversão pessoal ao um projeto divino transcendente.

A teologia dogmática percebe que é necessário revisar os seus métodos. Tendo em consideração uma conceitualização tradicional dos enunciados dogmáticos, os quais possuem uma pretensão de verdade, inclusive em um sentido formal e secular<sup>486</sup>, é preciso frisar que “a verdade da fé só pode ser conservada na medida em que nos preocuparmos com ela numa perspectiva sempre nova”.<sup>487</sup> Exatamente pelo fato do conhecimento humano ser sempre historicamente situado<sup>488</sup>, o teólogo deve ter em conta, nos conceitos com os quais trabalha, a realidade em que vive, com os questionamento vitais que emergem sempre de novo. Nenhuma abordagem sobre o humano pode deixar de levar em consideração os múltiplos aspectos que envolvem cada uma das suas dimensões<sup>489</sup>, mesma as questões relacionadas à fé, a qual envolve a pessoa em sua globalidade, desde os sentimentos e emoções, até a racionalidade.<sup>490</sup>

Olhando para o contexto atual da modernidade tardia, em nível macro, a teologia precisa concorrer com outros discursos. Não há mais uma função integradora do discurso teológico diante da sociedade e da cultura. Em nível médio, a teologia ainda tem alguma relevância como serviço à sociedade, devido ao seu potencial ético e antropológico. Porém, em nível micro, mais individualizado, conceitos teológicos muito elementares tornam-se cada vez mais indecifráveis para as pessoas de hoje.

<sup>483</sup> OLIVEIRA, 1989, p. 133.

<sup>484</sup> OLIVEIRA, 2002, p. 77-78.

<sup>485</sup> FREIRE, José Célio. *O lugar do outro na modernidade tardia*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002, p. 138.

<sup>486</sup> RAHNER, Karl. *O dogma repensado*. Trad. Hugo Assmann. São Paulo: Paulinas, 1970, p. 24.

<sup>487</sup> RAHNER, Karl. *Teologia e antropologia*. Trad. Hugo Assmann. São Paulo: Paulinas, 1969b, p. 61.

<sup>488</sup> RAHNER, Karl. *Teologia e ciência*. Trad. Hugo Assmann. São Paulo: Paulinas, 1971, p. 12.

<sup>489</sup> RAHNER, Karl. *A antropologia: problema teológico*. Trad. Belchior Cornélio da Silva. São Paulo: Herder, 1968, p. 15.

<sup>490</sup> ZILLES, Urbano. *Crer e compreender*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, p. 19.

Nesse sentido, o teólogo precisa ser um mediador entre a linguagem religiosa e a linguagem secular. No fundo, o teólogo é um hermenêuta do mistério, expresso em chave antropológica, em um contexto, que em geral, não se pergunta mais a respeito de concepções dogmáticas, mas sim, quando muito, sobre o sentido da vida. No entanto, a teologia não pode deixar de preservar um olhar crítico sobre a realidade, a fim de não perder seu aguilhão profético. Do contrário, tornar-se-ia socialmente irrelevante.

## **2 A vida sob o influxo da aceleração e da imediatez**

Cada época histórica tem sua maneira de entender o tempo. Na pré-modernidade, há uma compreensão cósmica do tempo, seguem-se os ritmos da natureza. Na modernidade, com a técnica, o ser humano tem o tempo à sua disposição. Já a modernidade tardia pode ser entendida como um processo de aceleração. A aceleração técnica tem as suas vantagens, porém, também tem as suas consequências. As agendas estão lotadas. Não há tempo livre. O indivíduo se dá conta que está submetido anonimamente ao tempo. A sociedade se acelera em um ritmo exponencial, sem precedentes. Na superficialidade, tudo muda muito depressa, mas na profundidade da verdade, tudo permanece inalterado. Aceleração e tédio permanecem numa tensão constante: embora tudo se acelere, pouca coisa de fato acontece em proporção ao ritmo estabelecido. Nesse contexto, onde ocorrem as experiências de encontro pessoal, intersubjetivo e de sentido para a vida? E quais são as implicações desse fenômeno na relação do ser humano com Deus? O ser humano não passa incólume a esse processo. No fundo, é uma vítima, pois, mesmo que não queira, tem que dar conta das suas responsabilidades.

Tudo ganha uma velocidade exponencial. Não há mais tempo o suficiente, pois o tempo planejado já está todo ocupado. O tempo não está mais à disposição das pessoas. As pessoas precisam correr contra o tempo para dar conta dos seus compromissos. Isso desencadeia um processo desenfreado de aceleração da vida. O tempo vivido de forma acelerada deixa os indivíduos ansiosos. A hiperatividade da modernidade tardia não deixa espaço temporal para a convivência gratuita, tudo é calculado, pois tempo é dinheiro. É preciso pagar por alguém que escute. O aconselhamento tornou-se profissão. O cuidado foi terceirizado, porque não há mais tempo para cuidar daqueles que não acompanham o ritmo de uma sociedade cada vez mais acelerada. A experiência do tempo acelerado na modernidade tardia é cada vez mais uma questão de crise para os indivíduos. Tudo se torna tão rápido, que é difícil acompanhar esse processo sem se cansar de tanto correr. Se na modernidade a história estava focada na ideia de progresso, na modernidade tardia ela emboca em um movimento mercadológico sem direção, está desorientada, desbussolada.

### *2.1 O tempo vivido como obsessão*

Vive-se atualmente em um mundo em rápidas e profundas mudanças.<sup>491</sup> A revolução tecnológica e a automação, fragmentaram e dispersaram as forças de produção, impactando diretamente a vida de povos inteiros.<sup>492</sup> A vida social, configurada pelas forças impessoais dos mercados autorregulados, está submetida à

---

<sup>491</sup> OLIVEIRA, 1989, p. 149.

<sup>492</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e economia*. São Paulo: Ática, 1995a, p. 17.

desregulamentação dos processos econômicos.<sup>493</sup> “O homem de hoje perdeu o horizonte de segurança que lhe normava a ação dentro do mundo, dando-lhe sentido”.<sup>494</sup> Tudo é encarado como provisório ou contingente.<sup>495</sup> Há um declínio da credibilidade das metanarrativas.<sup>496</sup> Fala-se em crise de orientação e de sentido. A crise da modernidade tardia é no fundo uma crise cultural que emerge no seio da própria modernidade.

A cultura da imediatez foi objeto de incontáveis críticas, que nem sempre escaparam à comodidade das conclusões apocalípticas. No universo da imprensa, dizem, o vínculo humano é substituído pela rapidez; a qualidade de vida, pela eficiência; a fruição livre de normas e de cobranças, pelo frenesi. Foram-se a ociosidade, a contemplação, o relaxamento voluptuoso: o que importa é a auto-superação, a vida em fluxo nervoso, os prazeres abstratos da onipotência proporcionados pelas intensidades aceleradas. Enquanto as relações reais de proximidade cedem lugar aos intercâmbios virtuais, organiza-se uma cultura de hiperatividade caracterizada pela busca de mais desempenho, sem concretude e sem sensorialidade.<sup>497</sup>

Há uma crescente capitalização da sociedade, aliada ao aumento da concorrência e da exigência de rentabilidade. O tempo é vivido atualmente como uma obsessão que perpassa todas as esferas da vida, submetendo-as ao critério da produtividade. “Num mundo de associações e relações mutáveis, a perda de substância, os vínculos cada vez mais diáfanos e a superficialidade das coisas que usamos aumentam em ritmo acelerado”.<sup>498</sup> Há uma generalização crescente da sensação de pressão temporal.<sup>499</sup> A modernidade tardia se caracteriza por um regime “presentista”, o qual pressiona a vida dos indivíduos e das organizações no ritmo frenético da concorrência globalizada e do mercado financeiro.<sup>500</sup> O empreendedorismo hiperativo desfruta da velocidade e da intensidade do tempo, de tal modo que “quanto mais depressa se vai, menos tempo se tem”.<sup>501</sup> A modernidade tardia tem entre seus traços mais característicos, a tendência a acelerar os ritmos da vida e a forma como se experimenta o tempo, ao ponto de tragar o indivíduo em suas responsabilidades cotidianas e o submetê-lo ao compasso da superficialidade e do descarte.

## 2.2 A repressão da fragilidade e a sensação de insegurança

Não se fala mais na esfera pública sobre a experiência da fragilidade e da morte.

---

<sup>493</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araújo. *Desafios éticos da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 91.

<sup>494</sup> OLIVEIRA, 1989, p. 5.

<sup>495</sup> LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Trad. Ricardo Correia Barbosa. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993, p. 3.

<sup>496</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e práxis histórica*. São Paulo: Ética, 1995b, p. 164.

<sup>497</sup> LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004, p. 80-88.

<sup>498</sup> TAYLOR, Charles. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral; Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Loyola, 1997, p. 648.

<sup>499</sup> LIPOVETSKY, 2004, p. 75.

<sup>500</sup> LIPOVETSKY, 2004, p. 77.

<sup>501</sup> LIPOVETSKY, 2004, p. 78.

A dimensão da finitude é reprimida. A velhice é asilada ou clinicada para não alterar os ritmos do frenesi cotidiano. Por outro lado, há tentativas alternativas de desaceleração, pelo encontro profundo com o outro, pelo contato com as belezas naturais ou mesmo pelas experiências em shows musicais ou festivais alternativos. Na modernidade tardia, o eu tem que se recriar continuamente, procurar alternativas, ser criativo. Há a passagem de uma pressão alheia para uma pressão pessoal. Essa é a era da depressão. O sujeito pensa ser livre, mas na realidade está sutilmente pressionado e subjugado, e essa situação é agudizada pela violência estrutural, presente e atuante na sociedade hodierna, no contexto da qual o tempo é vivenciado como vigilância, medo e insegurança.

Como formular uma teologia que responda adequadamente aos mecanismos de exploração e exclusão atualmente em curso? Como pensar comunidades religiosas diante de uma segregação profunda da própria sociedade? Diante de uma sociedade extremamente capitalista e individualista, que sacraliza a produtividade e idolatra o dinheiro, como fundamentar uma reflexão a cerca da fé que trabalhe e conceba o tempo como condição de possibilidade para a humanização e como oportunidade para a convivência e a solidariedade? Diante de uma racionalidade instrumental que coisifica o ser humano, concebendo-o como *homo oeconomicus*, como pensar a humanidade em termos de intersubjetividade não-funcional, que não planeja tudo em termos de custo-benefício, mas que se dá conta da necessidade de relações de cuidado, de mútua responsabilidade e de gratuidade?

### **3 A economia do Verbo encarnado como redenção do tempo**

Segundo a fé cristã, pode-se afirmar uma possibilidade de relação entre a eternidade e o tempo. Prova disso, é que o Verbo eterno de Deus se tornou humano, entrando na história. Nesse sentido, a economia do Verbo encarnado é a transparência da dinâmica divina que adentra a história, estabelecendo no tempo uma dimensão kairológica diante do frenesi, e conferindo ao mesmo um horizonte soteriológico. Cristo é a mediação epistemológica entre a revelação categorial e a revelação transcendental fenomênica; é o Absoluto manifesto na realidade histórica relativa; é mistério infinito de comunicação que se temporaliza no presente histórico, abrindo uma perspectiva escatológica.

#### *3.1 A irrupção do divino no tempo histórico*

Em Cristo, se abre uma dimensão ontológica da histórica<sup>502</sup>, a qual tende a uma plenitude. Há uma história da salvação coextensiva à história do mundo.<sup>503</sup> A economia da encarnação do Verbo eterno de Deus ajuda a superar uma concepção puramente cronológica e linear do tempo histórico. A “irrupção de Deus na particularidade histórica de Jesus de Nazaré”<sup>504</sup> indica a potencialidade teofânica da própria história. Em Cristo, a fugacidade do tempo é redimida pelas ressonâncias do eterno que o perpassam. A história nunca mais foi a mesma desde que o Senhor dos tempos se temporalizou e conferiu ao próprio tempo uma dinâmica de divinização e de

---

<sup>502</sup> GEFFRÉ, Claude. *De Babel a Pentecostes: ensaios de teologia inter-religiosa*. Trad. Margarida Maria Cichelli Oliva. São Paulo: Paulus, 2013, p. 50.

<sup>503</sup> GOMES, Tiago de Fraga. A economia do Verbo encarnado e o diálogo entre as religiões em Claude Geffré. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 31, n. 2, p. 309-326, 2016, p. 313.

<sup>504</sup> GEFFRÉ, 2013, p. 74.

cristicidade pelo advento do seu Reinado. Em Jesus, o próprio Deus se torna presente e o tempo se transforma em momento da graça, como condição de possibilidade para a busca humana do Absoluto.

### *3.2 O tempo atual e o anseio de uma experiência profunda*

A teologia pressupõe uma abertura incondicional ao Deus que se revela e se comunica, dando a conhecer seu projeto de amor e empreendendo uma economia salvífica. Esse amor ofertado pode ser aceito ou rejeitado. O pecado surge assim como a rejeição radical desse amor incondicional divino. O fechamento do ser humano sobre si mesmo repercute socialmente, como solidariedade na graça e no pecado. Duns Scotus afirma que o ser humano foi criado por Deus e orientado para Ele. Cada pessoa humana é lugar da presença de Deus na história. Por isso, é na intersubjetividade que a dinâmica histórica do amor divino se revela como interpelação ao ser humano para trilhar um caminho de conversão. O ser humano é um ser orientado para o amor de Deus, o qual só se torna concreto pela irrupção do outro. Para Axel Honneth, as pessoas amadurecem socialmente através do reconhecimento mútuo. Markus Knapp radicaliza essa tendência em direção à totalidade da existência humana, afirmando que o ser humano mira a um último e incondicional reconhecimento. Nesses processos de reconhecimento é possível fazer a ligação com a religiosidade.

A experiência religiosa consiste em descer ao Absoluto fundante da própria vida humana, para daí emergir como crítica existencial do sentido de totalidade. “A religião, enquanto explicitação do sentido último, que é a experiência fundante da vida histórica humana, se revela a instância última e integradora, como aquela experiência radical, que globaliza as várias dimensões da existência”.<sup>505</sup> A pedagogia religiosa abre o horizonte humano ao sentido radical do Absoluto como transcendente e incondicionado, o qual enquanto sentido, fundamento e condição de possibilidade desde o qual se tematiza a totalidade do real, oportuniza uma dinâmica de re-ligação e de autossuperação humana. Apesar da racionalidade instrumental ter expandido o seu domínio, diminuindo a ascendência da religião sobre a vida social, a necessidade de referir-se à experiência religiosa não foi eliminada. A insegurança e a confusão referencial da modernidade tardia são um terreno fértil para a crença religiosa. Num universo incerto e caótico, onde não há mais a prevalência de grandes narrativas, cresce a demanda de necessidade de unidade e de sentido. Essa é a nova chance para uma experiência religiosa mais profunda.<sup>506</sup>

A retomada do sentido profundo da fé cristã pode ser uma alternativa pertinente diante da experiência de limitação e de finitude, como um recurso do qual se pode lançar mão para fundamentar uma pedagogia da contemplação e da convivência na esfera pública. O ser humano não se dá por satisfeito com as realidades intramundanas, busca experiências mais elevadas, anseia por algo mais profundo. Em Jesus, o ser humano chega plenamente a si e Deus se torna presente. A partir do humano jesuânico, é possível pensar o divino cristológico. Não há distanciamento entre as duas naturezas. Nesse sentido, uma experiência profunda da pessoa de Cristo, pode abrir o coração e a mente para uma perspectiva de interação entre o imanente e o transcendente. O ser humano, enquanto ouvinte da Palavra e aprendiz na fé, que pergunta e que se deixa questionar, é desafiado a dar uma resposta madura e

<sup>505</sup> OLIVEIRA, 1989, p. 190.

<sup>506</sup> LIPOVETSKY, 2004, p. 94.

responsável ao Deus que lhe fala.

## Conclusão

O fazer teológico considera que a possibilidade de expressar as próprias ideias em âmbito público é algo inerente ao ser humano enquanto ser comunicativo, tendo em conta que toda ação comunicativa é uma ação transformadora. “Existir humanamente é pronunciar o mundo de maneira transformadora”.<sup>507</sup> O direito de dizer é inerente à própria natureza do ser comunicativo. A esfera pública, aspecto central da sociedade moderna, é um espaço de encontro entre os membros da sociedade para a discussão e a formação de opiniões acerca de assuntos pertinentes a todos.<sup>508</sup> O homem autônomo, secular e concreto, engajado na sociedade civil, deve ser capaz de expressar suas ideias e de se engajar em prol de algum bom propósito, sendo, ao mesmo tempo, um ser de fé comprometida.<sup>509</sup> Nesse sentido, “a racionalidade do *ethos* cristão deve ser assumida desde a vida real dos crentes enquanto constitui uma instância comunitária dentro da criatividade histórico-mundana”.<sup>510</sup> A teologia precisa influir decididamente na formação de uma conduta autônoma, comunicativa e comprometida dos sujeitos de fé.

Diante dos desafios do mundo atual, a fé cristã não pode apenas ser anunciada, repetida, mas deve, diante do foro da razão tardia, ser refletida apropriadamente a partir de uma antropologia teológica aberta à interdisciplinaridade. A teologia hoje deixa de ter uma atitude apologética para dialogar com o mundo, numa tentativa de dar razões esclarecedoras e plausíveis da fé. A busca humana pela transcendência é na realidade um anseio por plenitude, por incondicionalidade, um desejo profundo por Deus. “A religião tornou-se um espaço de articulação do sentido da vida”.<sup>511</sup> Nesse sentido, a teologia enquanto abordagem de um mistério que nunca se esgota, é portadora de um potencial enorme de transformação do indivíduo, pois, diante de relações puramente interesseiras, o defronta com uma alteridade absoluta da qual não se pode dispor, mas apenas se relacionar gratuitamente.

## Referências

CARRARA, Paulo Sérgio. Enfraquecimento da ideia de Deus e de homem na pós-modernidade. *Pistis & Práxis*, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 817-839, 2016.

FREIRE, José Célio. *O lugar do outro na modernidade tardia*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

GEFFRÉ, Claude. *De Babel a Pentecostes: ensaios de teologia inter-religiosa*. Trad.

---

<sup>507</sup> JACOBSEN, Eneida. Esfera pública deliberativa: a recepção da teoria habermasiana no Brasil e sua significância para uma teologia pública. In: BUTTELLI, Felipe G. K. et al. (orgs.). *Teologia pública no Brasil e na África do Sul: cidadania, interculturalidade e HIV/AIDS*. São Leopoldo: Sinodal; Est, 2014, p. 140.

<sup>508</sup> TAYLOR, Charles. *Imaginários sociais modernos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Texto & Grafia, 2010, p. 87.

<sup>509</sup> VIDAL, Marciano. *Moral de atitudes: moral fundamental*. Vol. 1. 2. ed. Aparecida: Santuário, 1986, p. 218.

<sup>510</sup> VIDAL, 1986, p. 219.

<sup>511</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *A religião na sociedade urbana e pluralista*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 81.



Margarida Maria Cichelli Oliva. São Paulo: Paulus, 2013.

GOMES, Tiago de Fraga. A economia do Verbo encarnado e o diálogo entre as religiões em Claude Geffré. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 31, n. 2, p. 309-326, Mai.-Ago. 2016.

HABERMAS, Jürgen. *Direito e Democracia: entre facticidade e validade II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

JACOBSEN, Eneida. Esfera pública deliberativa: a recepção da teoria habermasiana no Brasil e sua significância para uma teologia pública. In: BUTTELLI, Felipe G. K. et al. (orgs.). *Teologia público Brasil e na África do Sul: cidadania, interculturalidade e HIV/AIDS*. São Leopoldo: Sinodal; Est, 2014, p. 119-149.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Trad. Ricardo Correia Barbosa. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. Trad. Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MUCCI, Giandomenico. L'assenza di Dio nel postmoderno. *Revista Civiltà Cattolica*, Roma, n. 2, p. 543-551, 2002.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *A filosofia na crise da modernidade*. São Paulo: Loyola, 1989.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *A religião na sociedade urbana e pluralista*. São Paulo: Paulus, 2013.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Desafios éticos da globalização*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e economia*. São Paulo: Ática, 1995a.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e práxis histórica*. São Paulo: Ética, 1995b.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e racionalidade moderna*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Ética e sociabilidade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. O tempo na modernidade e na contemporaneidade. *Kairós*, Fortaleza, v. 11, n. 1-2, p. 103-123, 2014.

RAHNER, Karl. *A antropologia: problema teológico*. Trad. Belchior Cornélio da Silva. São Paulo: Herder, 1968.

RAHNER, Karl. *Escritos de teologia: tomo 7*. Trad. Juan de Churruca. Madrid: Taurus, 1969a.

RAHNER, Karl. *O desafio de ser cristão: textos espirituais*. Trad. Álvaro Machado da Silva. Petrópolis: Vozes, 1978.

RAHNER, Karl. *O dogma repensado*. Trad. Hugo Assmann. São Paulo: Paulinas, 1970.

RAHNER, Karl. *Teologia e antropologia*. Trad. Hugo Assmann. São Paulo: Paulinas, 1969b.



- RAHNER, Karl. *Teologia e ciência*. Trad. Hugo Assmann. São Paulo: Paulinas, 1971.
- TAYLOR, Charles. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral; Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Loyola, 1997.
- TAYLOR, Charles. *Imaginários sociais modernos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Texto & Grafia, 2010.
- TOURAINÉ, Alain. *Crítica da modernidade*. 4. ed. Trad. Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes, 1997.
- TRACY, David. *A imaginação analógica: a teologia cristã e a cultura do pluralismo*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2006.
- VIDAL, Marciano. *Moral de atitudes: moral fundamental*. Vol. 1. 2. ed. Aparecida: Santuário, 1986.
- ZILLES, Urbano. *Crer e compreender*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.